

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DHULYANE ALBERTI DIAS

AS AULAS DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR: QUAIS SENTIDOS ATRIBUEM CRIANÇAS DE  
UMA ESCOLA PÚBLICA?

CURITIBA

2019

DHULYANE ALBERTI DIAS

AS AULAS DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR: QUAIS SENTIDOS ATRIBUEM CRIANÇAS DE  
UMA ESCOLA PÚBLICA?

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a conclusão do Curso de Licenciatura em  
Educação Física, do Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Dra. Marynelma Camargo  
Garanhani

CURITIBA

2019

**TERMO DE APROVAÇÃO**

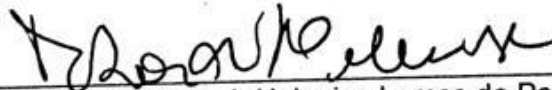
**DHULYANE ALBERTI DIAS**

**AS AULAS DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPR: QUAIS SENTIDOS ATRIBUEM CRIANÇAS DE  
UMA ESCOLA PÚBLICA?**

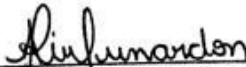
Monografia aprovada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Matynelma Camargo Garanhani  
Orientadora – Departamento de Educação Física - UFPR



Prof.ª Ms.ª Déborah Helenise Lemes de Paula  
Departamento de Educação Física - UFPR



Prof.ª Aline Maria Lunardon  
Departamento de Educação Física - UFPR

Curitiba, 4 de dezembro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

A pessoa que mais me apoia em toda a minha trajetória: minha mãe! O sonho em entrar em uma Universidade Federal só se concretizou devido a você, que acreditou e realizou minha inscrição. Você é a minha maior inspiração, sempre se esforçando e movendo montanhas para proporcionar o melhor para mim, não consigo demonstrar quão abençoada sou em ter você.

Junto a isso, meus dois outros tesouros: Belinha e Luna, sendo minhas cachorras e proporcionando a alegria da casa. As duas foram as que mais estiveram presentes durante a construção desse trabalho, colocando minha concentração em prova no momento de suas conversas (latidos) paralelas. Ao meu pai, colaborando do seu jeito para proporcionar que a minha formação fosse realizada da melhor forma possível e a toda minha família, principalmente a minha vó Maria, que mesmo não estando mais presente, permanece me enviando forças.

Uma das profissionais em que mais admiro e tive a honra em ser orientada por ela: professora Dra. Marynelma Camargo Garanhani. Obrigada por toda a paciência durante a construção desse trabalho, pelos conselhos e por intensificar o interesse pela pesquisa, mostrando os encantos em que é realizar um trabalho com crianças.

Ao meu orientador do estágio supervisionado e do Licenciador, professor Dr. Sergio Roberto Chaves Junior por auxiliar no momento das vivências pedagógicas, modificando meu olhar sobre a licenciatura. Agradeço também todo o grupo do Licenciador pelos trabalhos desenvolvidos durante o projeto.

Todos os professores presentes no percurso dessa graduação, que contribuíram de alguma forma para o meu aprimoramento, incentivando meu melhor. Entretanto, é necessário conter um período de descanso pessoal para isso, dessa forma, agradeço a professora Dra. Letícia Godoy por evidenciar esse fator durante o último semestre desse ano.

Todos os integrantes do Núcleo de Qualidade de Vida e a professora Dra. Neiva Leite em possibilitar minha vivência na iniciação científica, promovendo diversas situações de aprendizagem e proporcionando o incentivo em ir a um Congresso Nacional, realizando um sonho durante esse período e reforçando mais aprendizagens.

Ao grupo PIBID, a professora Dra. Rosecler Vendruscolo e o professor Ms. Eumar André Köhler, que, apesar de anos, guardo diversas vivências realizadas durante as aulas de Educação Física e a postura dos alunos, me deixando encantada ao final de todas as manhãs em que acompanhei.

Todos os meus amigos e colegas que estiveram presentes durante essa trajetória, saibam que eu sempre vou estar à disposição com o coração aberto e agradeço por vocês sempre me escutarem, me estabilizando nos meus piores momentos. Dessa forma, cito especialmente: Alvaro Almeida, Guilherme Tamashiro, Matheus Batista e Nahomi Helena pela paciência durante esse caminho, acredito que no fundo vocês são anjos.

As famílias em que construí durante essa caminhada, sendo a Associação Atlética Acadêmica de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - Hipertrofia, a Bateria Os Coringas e o Batuque das Minas, que colaboraram de forma indescritível para que esse momento fosse o melhor da minha vida, proporcionando diversas vivências e conhecendo diferentes pessoas. Agradeço aos dois últimos por me proporcionarem o privilégio em fazer o que eu mais amo: tocar tamborim, além de estar rodeada das pessoas em que eu sinto um enorme carinho e poder dividir a sensação única que é tocar um samba, sendo eleita para mim, como a melhor energia do mundo.

Dessa forma, agradeço principalmente ao universo por me proporcionar todos esses momentos com boas companhias, diversões e muita aprendizagem, sendo um fator constante para buscar o meu aprimoramento em todas as partes da minha vida. Fico feliz ao pensar se caso fosse possível voltar ao passado, eu realmente não mudaria nada, pois tudo ocorreu da forma que era pra ser. Sendo assim, sou uma pessoa abençoada por todas as vivências ocasionadas durante esses quatro anos.

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

Afinam ou desafinam”

Grande Sertão: Veredas

## **RESUMO**

Na formação do licenciado, o estágio supervisionado proporciona vivências pedagógicas para prepará-lo ao mercado de trabalho, auxiliando no desenvolvimento de um olhar crítico para avaliar sua prática e aperfeiçoá-la. Com isso, esse trabalho teve como objetivo identificar quais sentidos são atribuídos nas aulas de Educação Física do estágio supervisionado para os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, de uma Escola Municipal de Curitiba. O estudo é de caráter interpretativo, abrangendo o método de narrativa a partir da roda de conversa e os registros do diário de campo. Dessa forma, o estudo identificou que, para as crianças, a Educação Física é um momento para realizar diversas brincadeiras, possibilitando o uso da imaginação que proporciona a criação de diferentes ambientes e é considerada sua aula favorita. Sendo assim, as crianças atribuíram sentidos pelas aulas realizadas, não fazendo o movimento pelo movimento, mas agregando consigo os significados das brincadeiras, conteúdo indicado para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado; Educação Física; Criança.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>16</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	16
3.2 SUJEITOS E OS INSTRUMENTOS/PROCEDIMENTOS DA PESQUISA .....	17
3.3 ETAPAS DA PESQUISA .....	18
<b>4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>21</b>
4.1 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... É BRINCADEIRA” .....	21
4.2 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... SÃO MOMENTOS PARA IMAGINAÇÃO” .....	25
4.3 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... MINHA AULA FAVORITA” .....	27
<b>5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A criança é inserida na instituição escolar reunindo consigo diversos conhecimentos, com necessidade de ampliá-los no decorrer dos anos. Para que isso seja possível, o docente precisa oportunizar diversos desafios, abordando novas temáticas, de forma criativa para promover a alegria no ambiente, como aconselha Soares (1996). Sendo assim, é preciso estar atento aos interesses e necessidades dos pequenos, orientando-os da melhor forma durante esse caminho, como é abordado por Maria Montessori (CESÁRIO, 2007).

Para cumprir com esses objetivos, o professor deve permanecer em constante construção, com atualizações e reflexões sobre a sua prática docente, como Ayoub (2001) mostra:

somos todos, professores(as) e alunos(as), seres humanos inconclusos, em constante processo de constituição. E nessa relação de ensino-aprendizado, mediada pelas(os) professoras(es), são múltiplos os caminhos que construímos para nos tomamos professoras(es) (AYOUB, 2001, p. 56).

De forma a promover essas experiências durante a graduação do licenciado, é disponibilizado o estágio supervisionado de maneira obrigatória. Para Benito *et al.* (2012) é um momento que levantará reflexões e avaliações sobre as práticas realizadas, construindo a identidade que o docente terá quando se formar. Ayoub (2005) caracteriza como algo benéfico, a união da teoria com a prática, possibilitando explorar diferentes atividades, já que normalmente os alunos atuarão em grupos dentro das escolas.

Sendo assim, essa trajetória possibilitará novas experiências pedagógicas, auxiliando no processo de formação inicial do profissional, que atribuirá diversos significados sobre seu trabalho a partir dessas vivências. Além das expectativas presentes, surgem questionamentos, como: qual será o comportamento da turma com as aulas aplicadas? Quais os interesses dos alunos? Será possível promover a alegria no ambiente? A partir dessas considerações e das vivências provocadas pelo estágio supervisionado, surge o questionamento: quais sentidos as crianças atribuem as aulas de Educação Física do estágio supervisionado nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

Vale salientar que, o professor de Educação Física dentro da escola precisa trabalhar com práticas de movimento da cultura corporal, proporcionando diferentes experiências para as crianças, conforme orienta Daolio (1996). Assim, durante as aulas com os primeiros anos, o movimento que será trabalhado irá contribuir para o desenvolvimento das crianças (ETCHEPARE, PEREIRA, ZINN, 2003) .

Além desses fatores, as brincadeiras realizadas precisam agregar sentidos para os alunos, pois segundo Lomônaco (2004 *apud* REIS, 2012, p. 22)

as atividades significativas não são aquelas que se restringem ao repertório dos alunos. Dar sentido é atribuir significados, valores ao que se aprende, não porque o que se aprende tem uma aplicação imediata, mas pela mobilização que cria no indivíduo.

Com isso, o estudo se desenvolveu a partir das vivências da disciplina Prática de Ensino A e B da Universidade Federal do Paraná do Curso de Licenciatura em Educação Física, durante o ano de 2019, em uma Escola Municipal de Curitiba, na região do Cajuru, com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, o objetivo foi identificar quais sentidos as crianças atribuem às aulas de Educação Física do estágio supervisionado nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Essa pesquisa surgiu com a necessidade em avaliar e refletir sobre a prática docente e o ser professor, com intuito em aperfeiçoar as aulas para proporcionar um ambiente agradável para os alunos, harmonizando os objetivos da aula com os interesses da turma.

## 2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS

A partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a Educação Física se oficializa como componente curricular do ensino básico, proporcionando o ensino dos esportes, danças, ginástica, lutas, jogos e brincadeiras para seus alunos (GUIMARÃES *et al.*, 2001). Apesar dessa variedade, Bracht (1999) cita que, normalmente os docentes ainda seguem a linha dos esportes e aptidão física, já que, durante uma época o professor de Educação Física foi considerado um treinador esportivo dentro das instituições escolares.

Por desenvolver seu trabalho relacionado com o movimento, o docente apresenta grande responsabilidade, como Etchepare, Pereira e Zinn (2003) indicam, possuindo influência aos seus alunos, independente de suas idades. Sendo assim, é necessário desenvolver um trabalho estruturado, com objetivos e metas a serem alcançadas, com conteúdos desfrutando de continuidades e progressões, tratando-se de um planejamento pedagógico. Segundo Ayoub (2005), esse processo é dinâmico, precisando conter partes flexíveis e registros sobre as individualidades de cada turma.

Com intuito em direcionar a construção desse trabalho, são disponibilizados alguns documentos norteadores para a construção dos mesmos. Focando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sua divisão ocorre de diferentes formas, como na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016), retratando o 1º e 2º ano com a possibilidade em desenvolver as danças, ginásticas gerais e jogos e brincadeiras praticadas pela própria comunidade. É indicada a necessidade em incluir todos os alunos durante nas aulas, abrangendo diferentes situações com as temáticas trabalhadas.

Dirigindo o olhar para outro documento, organizado pela Prefeitura de Curitiba, o Plano Curricular (CURITIBA, 2016) também indica ginástica, dança e os jogos e brincadeiras para o primeiro ano, incluindo também o conteúdo de lutas. Sobre o trabalho a ser desenvolvido com os jogos, é indicado à realização de jogos interpretativos e sensoriais, promovendo a imaginação dos pequenos a partir do faz de conta. O documento ainda mostra que o professor precisa desafiar a criança a partir da cultura corporal, de forma criativa, para aumentar as possibilidades de se expressar a partir do movimento.

Betti e Zuliani (2002) reforçam a importância em proporcionar diversos jogos e brincadeiras nos anos iniciais, indicando para os próximos dois anos a possibilidade em iniciar aulas com danças, atividades rítmicas, esportes e ginástica, priorizando a diversão da turma. Na última etapa do Ensino Fundamental, sendo a 7ª e 8ª séries, os mesmos indicam uma abordagem um pouco teórica, com multidisciplinariedade dos assuntos sobre a aptidão e capacidades físicas. No Ensino Médio, é preciso considerar a nova fase cognitiva e socioafetiva presente na adolescência, promovendo práticas com significados para si mesmo, envolvendo a temática da saúde, bem-estar, lazer e as competições esportivas.

Após identificar o conteúdo ideal a ser trabalhado com a faixa etária, é importante analisar se as práticas planejadas são adequadas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) indicam para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, avaliar como o aluno se sente durante a experiência de um novo desafio, sua participação nas atividades, respeitando a organização, regras e seus colegas, sem realizar discriminações e contribuir com aqueles que possuem dificuldades. Dessa maneira, são os critérios de avaliação.

Sendo assim, o professor de Educação Física trabalhará com o movimento, porém, não deve transmiti-lo de forma superficial, com a necessidade de considerar a parte afetiva e cognitiva dos alunos, que são seres completos, trilhando o caminho em desenvolver sua autonomia a partir da consciência corporal (BRASIL, 1997). Com isso, não se deve pautar em metodologias antigas, como considerar o esporte como vertente principal ou a repetição excessiva do movimento, entretanto, é necessário compreender que esses momentos da história da área auxiliaram para trilhar um novo direcionamento, como é apresentado pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (PARANÁ, 2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) aconselham que seja progressivo esse trabalho realizado com o movimento, desenvolvendo a confiança e o domínio dos alunos durante a prática, dessa forma, direcionando algumas ações para o automático, podendo auxiliar em outras atividades, como, por exemplo,

no basquetebol, se o aluno já consegue bater a bola com alguma segurança, sem precisar olhá-la o tempo todo, pode olhar para os seus companheiros de jogo, situar-se melhor no espaço, planejar algumas ações e isso o torna um jogador melhor, mais eficiente, capaz de adaptar-se a uma variedade maior de situações (BRASIL, 1997, p. 28).

Portanto, precisam ser abordadas diversas competências, já que algumas crianças podem apresentar maiores dificuldades que outros em determinadas atividades. Então, com essa variedade de movimentos, disponibilizará um ambiente propício para os alunos se desafiarem, não se sentindo excluídos, pois caso isso ocorra, será provocada uma situação desconfortável devido à dificuldade em realizar a prática.

Além disso, o profissional deve estar atento sobre os aspectos da região escolar, aprofundando esses fatores durante suas práticas e provocando reflexões com os discentes sobre isso. Segundo Debortoli, Linhales e Vago (2006, p. 94, grifo dos autores), “a presença da Educação Física na escola pressupõe a compreensão de que ela é construída *na* e, ao mesmo tempo, construtora *da* cultura escolar”.

Com isso, pelo trabalho realizado com a cultura envolvendo o movimento, Oliveira (1999, p. 7 e 8) cita em atribuir o aprofundamento de outras manifestações presentes no corpo para o estudo da Educação Física, como a violência e a sexualidade, mostrando que

os estudos em biomecânica, em aprendizagem motora, em biologia do exercício e em outras áreas devem servir de suporte científico para o desenvolvimento das práticas corporais, tanto quanto os estudos filosóficos, sociológicos, antropológicos, históricos, uma vez que estes também são manifestações expressas da cultura (OLIVEIRA, 1999, p. 7 e 8).

Assim sendo, durante a formação do profissional de Educação Física, estarão dispostos estudos multidisciplinares, como mostra o artigo 10, da Resolução nº 6, publicada no dia 18 de dezembro de 2018 pelo Ministério da Educação, mencionando que o licenciado “terá formação humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética no magistério” (BRASIL, 2018, p. 4).

Posteriormente, ainda na mesma Resolução do Ministério da Educação, é apresentada a obrigatoriedade do estágio supervisionado no artigo 11, com objetivo em contribuir para a formação completa desse profissional, que será realizada a partir das experiências promovidas durante esse período. Jardimino (2014) comenta que o estágio tem como caráter proporcionar ao aluno a realidade escolar e o contato com outros professores, incentivando a visualização sobre a instituição como um todo, propenso para sua compreensão.

O autor (JARDILINO, 2014) ainda explica que, o termo supervisionado está porque as atividades serão monitoradas pelo professor orientador da disciplina e o da escola básica, que o acompanhará durante esse processo. Dessa forma, beneficiará o estagiário e o docente da escola, que receberá atualizações em sua formação com os novos saberes e com a troca de experiências entre os mesmos. Esse fator também agrega para os alunos da instituição, Folle e Teixeira (2012) comentam que estudantes das séries finais do Ensino Fundamental acham interessantes as aulas de Educação Física que foram regidas pelos estagiários.

Para Benito *et al.* (2012, p. 14), esse momento é caracterizado como “forte e complexo” por atribuírem expectativas pelo desenvolvimento das vivências pedagógicas, aprimorando a qualificação profissional para estar capacitado ao mercado de trabalho ao se formar. O autor acrescenta que esse período é mais favorável para absorver o conhecimento, pois o docente em formação não estará absorvendo ele de maneira passiva, porém, Ayoub (2005) cita a oportunidade em unir a teoria com a prática, acrescentando maiores valores para o trabalho exercido no estágio.

Além disso, a autora (AYOUB, 2005) comenta que durante essa etapa é a chance de ousar nas atividades, experimentando diferentes possibilidades a serem trabalhadas, por normalmente os estagiários atuam em grupos dentro das escolas, proporcionando um auxílio no decorrer das aulas.

Entretanto, Rodrigues (2013) aponta alguns fatores negativos, como, geralmente esse período estar disponível para o acadêmico na fase final da sua formação e por expor à realidade do magistério, normalmente desestimulante graças à maneira precária em que são encontradas as escolas, normalmente públicas. Com esse baixo investimento nas instituições, Prandina e Santos (2016) citam que as aulas de Educação Física são administradas de maneira limitada, com baixa contribuição para o desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, é papel do estágio supervisionado aguçar as reflexões dos acadêmicos, para não se adaptarem as realidades encontradas nesse campo. Para Benito *et al.* (2012), é necessário efetuar críticas sobre essas ações, para, no momento de efetuar sua prática, o estagiário avaliar constantemente suas competências, com objetivo de aperfeiçoá-las. Com isso, deve ser realizada com qualidade e criatividade, conforme Debortoli, Linhales e Vago (2006) indicam, pois

nas instituições públicas normalmente essa aula será a única experiência com as práticas de movimento da cultura corporal que alguns alunos terão.

Sendo assim, o professor de Educação Física e o acadêmico que está no estágio supervisionado devem planejar e administrar com qualidade suas aulas, independente da situação encontrada no ambiente escolar, exercendo seu trabalho em promover as diferentes culturas para seus alunos, possibilitando novas vivências a partir do incentivo a criatividade e do movimento.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um estudo interpretativo, realizado a partir das aulas ministradas no estágio supervisionado durante o segundo semestre, na disciplina Prática de Ensino B, da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, que possui aproximadamente 17 alunos. Dessa forma, foi utilizado o método de narrativa com a roda de conversa e os registros reunidos no diário de campo durante o período na escola.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O estudo se desenvolveu em uma Escola Municipal de Curitiba, localizada no bairro Cajuru, ofertando o Ensino Fundamental desde o ano de 1970. Entretanto, em 2008 iniciou os trabalhos com a Educação Infantil de forma provisória, oficializando-o em 2010. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, em 2015 possuiu 1.598 estudantes matriculados, com faixa etária de 3 a 16 anos, em sua maioria, moradores próximos da escola.

É disponibilizada uma extensa estrutura, separados por cinco blocos, um deles elaborado especialmente para atender os pequenos na fase da Educação Infantil. Para as áreas disponíveis para a utilização das aulas de Educação Física, estão uma quadra poliesportiva coberta, três quadras descobertas, sendo uma poliesportiva, outra de concreto e uma de areia, um espaço entre os blocos do Ensino Fundamental e da Educação Infantil e uma sala de dança, que possui espelhos fixados na parede. Nas manhãs das segundas-feiras, não houve necessidade em dividir os espaços com outros professores de Educação Física, sendo um dia privilegiado, como citado pela professora regente.

Com isso, os planejamentos pedagógicos eram realizados no ambiente mais adequado, normalmente, na quadra poliesportiva coberta. Os materiais da escola eram armazenados em uma sala da Educação Infantil, na qual passava o intervalo das aulas nesse espaço e, normalmente, utilizava os materiais de lá, a escola possui uma sala direcionada a Educação Física, próximo à secretaria, porém, não foram efetuadas muitas visitas, pois é fechada. Contém diversas variedades, como cones



de boliche, bolas, bambolês, colchonetes e cordas. A instituição agrega também diversos projetos, com três direcionados para a área esportiva, como o atletismo e voleibol.

A escolha por essa escola para a disciplina Prática de Ensino A da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, sucedeu de acordo com sua localização, próximo do campus do Centro Politécnico, da referida universidade. Além disso, como o objetivo inicial do trabalho estava em ministrar aulas de movimento para a Educação Infantil, que é disponibilizado pela escola, acabou auxiliando durante a tomada de decisão.

### 3.2 SUJEITOS E OS INSTRUMENTOS/PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Os indivíduos que contribuíram para esse estudo foram crianças de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, com 6 anos de idade. No primeiro semestre, era constituída por 10 pequenos, após um tempo, sucedeu um aumento da turma, com aproximadamente 18 crianças.

A pesquisa se sucedeu com essa turma, de acordo com a decisão efetuada durante a Prática de Ensino A, que foi um momento de observação da instituição escolar e de aproximação com as outras turmas para gerar essa escolha. Entretanto, com esse 1º ano, houve grande simpatia com os pequenos, que estavam sempre próximos e comunicativos comigo, questionando se eu seria a professora de Educação Física da sala. No decorrer do estudo, houve o aumento desse sentimento, com a maioria das crianças realizando diversos elogios pessoais e sobre as aulas.

Com isso, para recordar as observações realizadas nas manhãs das segundas-feiras, houve a elaboração de um diário de campo, armazenando os momentos vivenciados enquanto estava na instituição escolar. Para Galvão (2005), esse instrumento foca nos momentos mais destacados, sucedendo uma reflexão sobre os períodos descritos, auxiliando o desenvolvimento e aperfeiçoamento do docente.

Segundo Warschauer (1993 *apud* Ayoub 2005, p. 147, grifo da autora),

registrar a própria prática pode ser um rico instrumento de trabalho para o professor que busca reconstruir os conhecimentos junto com os alunos,

porque o retrato do vivido proporciona condições especiais para o *ato de refletir*.

Além disso, está presente a metodologia da narrativa, para compreender os momentos presentes na escola. Elbaz (1990, p. 32 *apud* Galvão, 2005, p. 329) justifica que as “histórias são o material de ensino, a paisagem em que vivemos como professores e investigadores e através da qual o trabalho dos professores pode ser visto como fazendo sentido”. Assim sendo, foi utilizada a roda de conversa presente nessa metodologia, com o pesquisador auxiliando na participação durante a conversa, com intuito em estimular maiores discussões, como Moura e Lima (2014) explicam.

Dessa forma, houve o desenvolvimento de um olhar crítico nas vivências ocorridas durante as aulas, para assim, produzir o hábito em anotar esses momentos no diário de campo, auxiliando na reflexão sobre o desenrolar das aulas. A partir dessa análise, ocorreu a escolha das crianças para acontecer a roda de conversa.

### 3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A partir da decisão da escola para realizar as observações durante o primeiro semestre, para a disciplina Prática de Ensino A, sucessivamente, efetuar a prática docente na Prática de Ensino B, ocorreu a primeira visita no dia 1º de abril de 2019, com intuito em conhecer essa instituição e ter o primeiro contato com as duas professoras de Educação Física, cada uma administrando uma turma do Pré II e do 1º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, durante essa manhã, só foi possível acompanhar uma das docentes.

Nas duas próximas segundas-feiras, dias 15 e 22 de abril, observei as aulas das duas professoras, na última manhã, foi definido com qual delas iria acompanhar e a turma em que atuaria como docente, sendo uma do Pré II. Nesse primeiro momento, o objetivo foi apenas efetuar as observações das aulas, conhecendo melhor a turma e as individualidades dos alunos, estabelecendo uma conexão.

Com a turma definida, realizou-se uma reflexão sobre qual a temática para desenvolver com os pequenos, chegando ao objetivo em compreender como eles lidam com as aulas de movimento, realizadas por uma professora do estágio

supervisionado em Educação Física. Entretanto, voltando para a escola no dia 13 de maio, soube que uma das professoras de Educação Física acabou sendo remanejada. Dessa forma, ocorreram mudanças no horário das aulas. Foi excluída a turma do Pré II, na qual seria desenvolvido o trabalho, o que ocasionou tristeza, pois já estava sendo estabelecido um contato com os alunos, sendo necessário mudar os planos de estudos.

Neste cenário, houve o acréscimo de uma turma da Educação Infantil, o Pré I, com 6 alunos. Apesar de ser a temática inicial que eu possuía interesse, não me senti confiante para administrar as aulas para eles no segundo semestre. A turma do 1º ano da professora se manteve, sendo adicionado outro 1º ano, na qual já tinha efetuado observações dessas aulas nas primeiras visitas.

Essa outra turma do 1º ano possuía apenas 10 crianças, apresentando união e cooperação durante as aulas de Educação Física, apesar do número reduzido, me senti mais entusiasmada para realizar minha prática docente com eles, devido ao interesse que os mesmos apresentavam diante as atividades. Na aula com essa turma, ainda na mesma manhã, um dos pequenos me questionou se eu seria a nova professora de Educação Física, me fazendo refletir que já apresentava uma conexão com os mesmos. Algumas meninas também conversaram comigo, demonstrando grande animação, me fazendo confirmar a decisão em trabalhar com essa turma, então, mudando minha temática.

Após essa manhã, houve a reestruturação de algumas crianças para as turmas do 1º ano, pois ocorreu o fechamento de algumas salas. Para uma das turmas, esse processo gerou resultados positivos, já que antes aconteciam grandes divergências entre as crianças, com ausência de atenção e colaboração durante a aula. Porém, para a turma na qual eu decidi realizar minha experiência docente, houve alguns aspectos negativos, ocasionando maiores atritos entre as crianças.

Durante as férias, efetuei a busca de referenciais teóricos para compreender melhor a fase do 1º ano do Ensino Fundamental e analisar os relatos no diário de campo, como: o planejamento pedagógico realizado pela professora, que priorizava as habilidades motoras.

Na volta as aulas do segundo semestre, iniciou a Prática de Ensino B. Antes de iniciar a prática docente, realizei uma roda de conversa com todas as crianças da turma para compreender melhor a transição efetuada da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Foi no dia 26 de agosto que coloquei em prática o primeiro

plano de aula e por me encontrar com alguns problemas de saúde, não consegui encaminhar adequadamente a aula. Além disso, as crianças não direcionaram a atenção para os momentos de explicação, sendo apresentado o mesmo comportamento na aula do dia 02 de setembro, pois a professora precisou se ausentar um instante para solucionar um problema.

Sendo assim, reorganizei meus pensamentos sobre o sucesso da aula e modificando o direcionamento das brincadeiras, para que as crianças compreendessem e se interessassem. Com isso, no dia 30 de setembro foi completada a sequência de seis aulas ministradas como docente, captando diversos comentários animados dos alunos sobre as brincadeiras, realizando tal registro no diário de campo.

Nessa mesma manhã, foi realizada a roda de conversa com 5 crianças, sendo 2 meninos e 3 meninas. Sucedeu a escolha por esses pequenos de acordo com o comportamento apresentado em aula e pela indicação da professora, que revelavam como crianças participativas, com comentários demonstrando interesse pelo conteúdo desenvolvido. O registro desse momento foi realizado em formato de áudio e vídeo, transcrevendo todos os diálogos para um documento em seguida.

Ao início da roda com os alunos, solicitei que esses escolhessem um nome de algum personagem de história, sendo fictício. Dessa forma, participaram desse momento os alunos Robin, Felipe, Polly, Rapunzel e Branca de Neve, opinando sobre o que estavam achando das aulas de segunda-feira. Apesar de encaminhar a conversa da melhor maneira possível, fazendo-o com que todos contribuíssem para esse momento, ainda conteve alunos que não dialogaram, como a Branca de Neve.

## 4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos materiais reunidos com o diário de campo e a roda de conversa com os alunos, destacaram-se três temas sobre as aulas de Educação Física pelos pequenos do 1º ano do Ensino Fundamental, sendo eles: a aula é brincadeira, momentos para imaginação e minha aula favorita.

### 4.1 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... É BRINCADEIRA”

O brincar é considerado como essencial para Queiroz *et al.* (2006), colaborando para o desenvolvimento e a socialização dos pequenos, já que "ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas" (BRASIL, 1998, p. 15). Esse fator está incluso em suas vidas já na Educação Infantil, como é apresentado pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016).

Dessa forma, para auxiliar no momento de transição para o Ensino Fundamental, a Educação Física permanece desenvolvendo as brincadeiras com os pequenos, dando caráter mais coletivo e agregando respectivas regras (BRASIL, 1997). Sawitzki (1998 *apud* ZOTTIS, 2015, p. 15) reforçam que

a criança ao chegar na escola é toda movimento. Ela cria, imagina, corre, pula, trepa, salta, rola, enfim, realiza uma grande quantidade de movimentos corporais. O ambiente escolar tem centrado suas atenções nas atividades mentais, desconsiderando que esta criança possui um corpo cheio de energia, com grande ansiedade de realizar movimentos corporais. Por isso, cabe a Educação Física oportunizar a crianças a prática corporal do movimento.

Como o autor explica, é inserida a responsabilidade a Educação Física em desenvolver atividades que proporcionem a prática corporal, mantendo a essência pelo movimento dos pequenos durante esse percurso. Debortoli, Linhales e Vago (2006) consideram que durante o planejamento, o professor precisa considerar os jogos e brincadeiras para os primeiros anos, referindo-se a uma das principais abordagens que são realizadas pelos pequenos.

Ao final de uma das aulas ministradas no estágio supervisionado, um aluno efetuou uma dúvida se referindo a mim para a professora, de maneira tímida, ela

comentou para que direcionasse a questão, me chamando no momento e perguntando “você sempre foram estudantes? Nasceram assim?” (registro em diário de campo no dia 09 de setembro de 2019).

Com isso, respondi que, como ele, no início eu apenas brincava, começando a estudar na escola e não parando desde então, até ficar adulta e começar a lecionar. Alguns alunos que estavam próximos reforçaram essa trajetória, lembrando-se da época da Educação Infantil, que não fazia tanto tempo e era composta apenas por brincadeiras com tempos livres. Entretanto, agora era necessário estudarem, diminuindo o tempo dessas atividades, sendo realizadas apenas nas aulas de Educação Física e durante o recreio.

Assim sendo, Silva e Sampaio (2012) citam a necessidade em trabalhar com os jogos e brincadeiras na instituição escolar com os primeiros anos, aumentando suas experiências a partir das aulas e do recreio, já que essa atividade faz parte da cultura dos pequenos e de acordo com a falta de espaço e violência, as crianças exploram cada vez menos esse fator fora das escolas.

Para os alunos do primeiro ano, essa é a parte favorita deles, que relembavam da época em que apenas brincavam, agora, aproveitando os momentos da Educação Física e do recreio para isso.

Freire (1989 *apud* DARIDO, 2003) também atribui essa responsabilidade diante ao componente curricular, segundo o mesmo,

a Educação Física na escola deve considerar o conhecimento que a criança já possui, independentemente da situação formal de ensino, porque a criança, como ninguém, é uma especialista em brinquedo. Deve-se, deste modo, resgatar a cultura de jogos e brincadeiras dos alunos envolvidas no processo ensino-aprendizagem, aqui incluídas as brincadeiras de rua, os jogos com regras, as rodas cantadas e outras atividades que compõem o universo cultural dos alunos (FREIRE, 1989 *apud* DARIDO, 2003, p. 07).

Quando questionados sobre o que estavam achando das aulas em que ministrei nas segundas-feiras, as quais abordei os jogos e brincadeiras explorando as habilidades motoras básicas, as respostas foram breves:

Polly/Rapunzel: Legal!

Dhulyane: E esse Joia Felipe, o que é?

Felipe: Legal!

Dhulyane: E você Robin? (estava fazendo um excelente com os dedos)

Robin: Top!

(Registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

Os pequenos foram bem diretos para expressar sua aprovação com as atividades realizadas, utilizando também a linguagem corporal para auxiliar no momento de expor sua opinião. Como os alunos não aprofundaram sua justificativa, perguntei então o porquê eles estavam achando tão legal, segundo eles:

Rapunzel: Porque é muito divertido.  
 Felipe: Porque a gente faz exercício.  
 Robin: Muitas brincadeiras!  
 (Registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

Desse modo, para as aulas serem legais, precisam trabalhar os movimentos explorados pelo corpo com diversas atividades, para então, serem classificadas como divertidas. Betti e Zuliani (2002) reforçam que durante essa fase, deve-se conter variados estilos de jogos e brincadeiras, priorizando o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, de acordo com o objetivo dos planejamentos de aulas desenvolvidos.

O aluno Robin reforçou sobre a importância em aplicar os diversos jogos e brincadeiras, quando questionado sobre o que mais gostou das aulas de segunda-feira. Nesse momento, os alunos citaram várias atividades realizadas a partir do nome que foi apresentado no momento da explicação, fixando esse fator em suas memórias. Entretanto, Robin comentou que “de todas as segundas-feiras, o que eu mais gostei foi da aula passada, que a gente fez **um monte** de brincadeiras” (registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

Ainda nesse mesmo momento, as crianças reforçaram novamente o gosto pelas aulas:

Rapunzel: Gostei de quando a gente comeu a balinha e pulou as árvores.  
 Eu gostei de tudo!  
 Dhulyane: Gostaram de tudo?  
 Robin: É.  
 Polly: Eu também!  
 Dhulyane: Olha, eu quero que vocês sejam bem sinceros agora! Eu não vou ficar triste, tá bom? Vocês não gostaram de alguma?  
 Felipe (faz negativo com a cabeça, Polly também): eu gostei de todas!  
 Rapunzel: Eu também! Eu gostei de toooooooodas.  
 (Registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

A partir destas falas é possível considerar que o professor precisa explorar diversas práticas a partir do conteúdo definido, acrescentando no conhecimento dos seus alunos e estimulando o interesse por novas atividades.

Outro elemento importante está nas crianças entenderem a realização dos jogos e brincadeiras, não efetuando a *prática pela prática*, focando apenas na ação do movimento. É necessário que o professor reforce outros elementos que serão trabalhados com a atividade, como na brincadeira coelho sai da toca. Essa brincadeira foi desenvolvida em uma das aulas, na qual está presente na cultura das crianças por já conhecerem e apreciarem, com intuito em integrar a sala e explorar diferentes espaços no bambolê, promovendo possibilidades de equilíbrio.

Durante essa prática, algumas crianças estavam com dificuldades em dividir seu bambolê com outros colegas, querendo excluí-los e proporcionando divergências no ambiente. Entretanto, quando me aproximava dos mesmos e questionava sobre a atividade, o próprio menino que não queria dividir seu espaço comentava que era necessário compartilhar o bambolê e cedia para o colega, solucionando a problemática (registro em diário de campo, 23 de setembro de 2019).

Com a própria explicação da atividade, os próprios pequenos compreenderam suas possibilidades e reprovações, dessa forma, no momento de conflitos não há necessidade em tomar atitudes rudes, como gritar ou excluir a criança da brincadeira, mas apenas se aproximar do mesmo e perguntar algo a respeito da atividade.

No momento final da mesma aula, um dos pequenos se posicionou na fila antes que seus colegas para voltar à aula após beber água, então, perguntei para ele o que achou da manhã, respondendo que foi “muito legal, muito maneiro” (registro em diário de campo, 23 de setembro de 2019). Ainda acrescentou que estava muito feliz, pois foi necessário se equilibrar bem durante a brincadeira do coelho sai da toca.

Dessa maneira, Duprat e Bortoleto (2007, p. 176) justificam que

o interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles, dentro de um espaço humano de convivência, no qual possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo.



Sendo assim, é interessante desenvolver nas aulas diferentes atividades, buscando contextualizar de maneira que inclua o diálogo com os alunos durante esse momento. As crianças estão dispostas a colocar em prática as brincadeiras ofertadas, já que está presente em sua cultura e, segundo a professora regente na qual me supervisionava, “todas as brincadeiras são as favoritas dos pequenos” (registro em diário de campo, 23 de setembro de 2019), auxiliando nesse processo.

#### 4.2 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... SÃO MOMENTOS PARA IMAGINAÇÃO”

Para Sans (2001 *apud* CANTO, 2015, p. 16), “a criatividade é considerada como parte essencial do homem, a qual dá equilíbrio à vida”. Apesar dessa consideração, Tommasi (2010 *apud* CANTO, 2005) fundamenta que essa característica está conectada principalmente no início da escolarização das crianças, tornando papel da escola em promover as vivências para incentivar esse saber.

Canto (2015, p. 15) indica o processo em que isso deve estar presente, já que

a criatividade não é um conteúdo específico, mas sim, um meio de se trabalhar os conteúdos específicos. Para que isso ocorra, é necessária a existência do educador, que, interagindo com as crianças, planeja e propicia a ação educativa, com a utilização da criatividade, sua e de seus educandos.

Visto isso, Tommasi (2010 *apud* CANTO, 2015) reforça que para atingir seus alunos, o educador precisa estimular constantemente sua própria criatividade. Sendo assim, ao aplicar o conteúdo sobre jogos e brincadeiras para o primeiro ano do Ensino Fundamental, os elementos que conduziam a prática estavam envolvidos com a criatividade, para incentivar um novo cenário em que todos se envolvessem, criando um ambiente com diversões e faz de conta.

Dessa maneira, brincadeiras consideradas simples ganharam significados, os cones de boliche se transformaram em árvores e bambolês em pedras de um lago. Para conseguirem pular as árvores, foi entregue uma balinha imaginária a todos os alunos, tornando-os gigantes, entretanto, após brincarem tanto, o efeito passou, fazendo-o com que ficassem pequenos para pular as pedras do lago. Esses detalhes mobilizaram o envolvimento e a motivação dos pequenos durante a aula,

solicitando por mais balas para continuarem gigantes (registro em diário de campo, 02 de setembro de 2019).

Kawashima, Souza e Ferreira (2009, p. 463) evidenciam a importância em "viajar a diversos mundos imaginários ou a contos de fadas" durante os momentos da aula, com o educador auxiliando durante esse momento para mobilizar ainda mais a imaginação. Diante a isso, explorar a imaginação intensifica um ambiente harmonioso e a diversão dos alunos, que exclamam *que legal!* para seus colegas, evidentemente encantados durante a realização da aula, imaginando desafios propostos no mundo imaginário (registro em diário de campo do dia 30 de setembro de 2019).

Entretanto, Novaes (1971 *apud* CANTO, 2015) comenta que esse processo direciona o sujeito a realizar novas imaginações, o que sucedeu em outras aulas. Durante a explicação de uma atividade, comentei que os alunos deveriam caminhar apenas nas linhas da quadra, um deles, então, questionou se o *chão seria lava*. Nesse momento, fiquei surpresa, pois o objetivo da atividade não seria esse, analisando que teria ocorrido o despertar da imaginação (registro em diário de campo, 23 de setembro de 2019).

Com isso, Wechsler (1998 *apud* CANTO, 2015) determina que, a criatividade proporciona diversas vivências, capacitando explorar a liberdade em que é criada. Dessa forma, após passarem um período da aula em um ambiente na qual a quadra estava composta de lava e a única maneira de se mover estava no colchonete, sendo a terra para salvá-los, protegendo para não se queimarem, foi direcionado um momento livre para os alunos com bola. Entretanto, um menino se direcionou a mim, questionando se seria possível utilizar os colchonetes para brincar nesse momento, na qual eu liberei. Após um tempo, o vi e mais duas meninas realizando a brincadeira passada inicialmente na aula (registro em diário de campo do dia 30 de setembro de 2019).

Isso ocorreu com o Robin, que citou que o momento livre foi legal para ele (registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019). Com isso, é importante o professor direcionar um momento da aula para os alunos estarem livres, podendo direcionar isso a partir da entrega de um material, fazendo-os com que as crianças explorem sua imaginação a partir da liberdade e autonomia disponibilizadas.

Além disso, os pequenos solicitavam brincadeiras já realizadas em aula, explicando-as de maneira feita inicialmente, com suas histórias voltadas para a imaginação (registro em diário de campo, 23 de setembro de 2019).

Assim, para desenvolver a aula de forma mais interessante para os primeiros anos do Ensino Fundamental, além de trabalhar com os jogos e brincadeiras, o professor de Educação Física deve conduzir de forma que aflore o despertar da imaginação dos pequenos, unindo esses fatores que estão associados à cultura infantil.

#### 4.3 “A EDUCAÇÃO FÍSICA... MINHA AULA FAVORITA”

O estudo de Pinheiro (2017) com o quinto ano do Ensino Fundamental, evidencia que a aula favorita dos alunos é a Educação Física, o que também está presente na pesquisa de Betti e Lizz (2003) e Damasceno, Freitas e Leonardi (2016) para o segundo ciclo do Ensino Fundamental e aos alunos do Ensino Médio, como mostra Ripari *et al.* (2018). Nessa pesquisa, também foi identificada essa apreciação pelas aulas na turma do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Durante o aprofundamento sobre as aulas de Educação Física na segunda-feira em que realizei o estágio supervisionado, os alunos efetuaram diversos comentários positivos, reforçando que gostaram de tudo. Para compreender melhor essa aprovação, aprofundi a pergunta para descobrir o motivo de tudo ser legal, com isso, um dos alunos justificou sua resposta:

Felipe: Por que sabe qual é a minha aula favorita? Educação física!  
 Dhulyane: Educação física? A matéria preferida?  
 Felipe (faz positivo com a cabeça): Por isso que eu gosto de todas!  
 Dhulyane: Então, nunca da errado? (Felipe faz negativo) Nunca? (Felipe permanece fazendo negativo).  
 (Registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

Dessa maneira, as aulas de Educação Física são efetuadas de maneira satisfatória e corretas para Felipe, aproveitando todos os momentos durante a disciplina, por ser sua aula favorita. Como ele introduziu esse comentário, fiquei curiosa para saber a opinião das outras crianças que estavam na roda de conversa sobre a aula em que mais gostam, questionando-os.

Cada criança citou mais de uma aula da escola, como a matemática, história e artes. Entretanto, a única disciplina que esteve presente em **todas** as respostas foi a Educação Física (registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019). Segundo Pinheiro (2017), esse fator se estabelece no país sendo relacionado como algo cultural devido à preferência da maioria dos alunos pela aula.

Para justificar essa questão, Betti e Lizz (2003, p. 139, grifo dos autores) ponderam que

as escolares encaram a Educação Física simultaneamente como “obrigação” e como “diversão”, ou seja, evidencia-se como a Educação Física lida com princípios contraditórios: trabalho “versus” lazer. Ao mesmo tempo que as aulas são obrigatórias, também trazem satisfação pessoal.

Com isso, os alunos associam a obrigatoriedade da disciplina durante a educação básica como um momento para descontrair e promover a alegria no ambiente, com o trabalho estando direcionado ao corpo em movimento. Para as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, elas também relacionam esse momento com o recreio, aproveitando para realizar brincadeiras e retomar a época da Educação Infantil, que proporcionava maiores períodos livres.

Quando questionados sobre sua aula favorita, Robin citou o recreio e a Educação Física, porém, expliquei que o recreio era um tempo livre, onde a Rapunzel acrescentou que “só recreio daí não aprende” (registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019). Por comentarem sobre esse momento, realizei algumas questões para compreender melhor essa temática:

Dhulyane: Vou fazer mais uma pergunta pra vocês, entre a minha aula de Educação Física e o recreio, o que vocês acham?  
 Polly/Rapunzel/Felipe: Legal!  
 Dhulyane: Mas... Um é melhor do que o outro? Um é mais legal?  
 Felipe: Eu sei qual é mais legal! A Educação Física é melhor que o recreio!  
 Dhulyane: Por que Felipe?  
 Felipe: Porque eu gosto mais de brincar, de se exercitar e me divertir.  
 (Registro em roda de conversa, 30 de setembro de 2019).

Com isso, as apreciações pelas aulas estão relacionadas com a maneira que as mesmas são desempenhadas, com animo e possibilitando um ambiente prazeroso para os mesmos, sendo a mesma justificativa encontrada no estudo de Pinheiro (2017). Portanto, foi possível visualizar esse fator no decorrer das aulas diante a postura dos alunos, sempre felizes e animados realizando as atividades,

exclamando **é tão legal** durante a prática (registro em diário de campo do dia 16 de setembro de 2019).

Além disso, as próprias crianças me direcionaram a fala ao final da aula, dizendo que estavam muito felizes e que amaram demais (registro em diário de campo do dia 23 de setembro de 2019). Sendo assim, o professor deve ponderar se as novas atividades estão sendo desenvolvidas de forma que possibilite mobilizar o interesse dos seus alunos.

Pereira (2006 *apud* DAMASCENO, FREITAS, LEONARDI, 2016) cita que essa preferência pode estar relacionada pelas aulas serem realizadas em um ambiente diferente da sala de aula, o que provoca o entusiasmo nos alunos. Como nessa escola a Educação Física é realizada normalmente na quadra coberta, os mesmos ficam entusiasmados nesse momento, possibilitando explorar seus movimentos dentro desse ambiente.

Ripari *et al.* (2018) afirmam isso, já que a realização da aula proporciona uma liberdade maior do que em sala, precisando conter seu corpo nas cadeiras enfileiradas, já que os próprios alunos dizem que gostam de correr e ficam animados com essa situação (registro em diário de campo, 13 de maio de 2019)

Isso está interligado com o conteúdo explorado nas aulas de Educação Física, proporcionando que os alunos possuam uma afinidade com a disciplina, como é apresentado no estudo de Lorenzoni *et al.* (2012). Nas aulas para os primeiros anos do Ensino Fundamental são aplicados os jogos e brincadeiras, onde os pequenos possuem grande afinidade, o que leva a essa preferência e a participação de todos.

Lorenzoni *et al.* (2012) também destacam que outro fator importante a ser considerado diante essa escolha, está na relação aluno-professor, com o docente precisando promover a motivação no ambiente, proporcionando um diálogo aberto com a turma. Durante as aulas, era efetuado o círculo do poder, que possui como intuito formar uma roda para que todos se vejam nesse momento, possibilitando também a opinião dos mesmos para efetuar comentários sobre as aulas.

Dessa forma, apesar de realizar os planos de aulas, eram ponderados os interesses dos alunos na manhã em conjunto com os objetivos planejados para aquele dia, não deixando a aula desagradável (registro em diário de campo do dia 23 de setembro de 2019). Os próprios alunos ressaltaram que o trabalho realizado

estava sendo “muito legal, genial, xuxu beleza” e que eu sou uma pessoa muito inteligente (registro em diário de campo do dia 30 de setembro de 2019).

É interessante reforçar o comentário sobre a relação aluno-professor no momento das explicações das atividades, para os alunos respeitarem e escutarem as considerações. Ao final de uma das aulas, não solicitei para que os alunos fossem para o círculo do poder, com isso, uma menina estava distraída com sua bola quando eu realizava um comentário e uma colega que estava próximo dela percebeu isso, segurou a bola e comentou “presta atenção na prof!”, contribuindo para que todos os alunos estivessem com a atenção voltada a mim (registro em diário de campo, 30 de setembro de 2019).

Portanto, são diversos os motivos que estão associados no momento em que o aluno faz a avaliação sobre qual disciplina mais lhe agrada. Normalmente, para a Educação Física, esse fator está interligado com a procura em desenvolver atividades para proporcionar diferentes vivências a partir do movimento, ocasionadas fora da sala de aula.

## 5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação do professor é contínuo, necessitando por constantes buscas de novos conhecimentos e avaliações sobre sua própria prática. Durante sua graduação, é desenvolvido um olhar crítico para aprimorar seus saberes, concebendo experiências pedagógicas com o estágio supervisionado, mostrando a realidade da escola e vivenciando o papel em ser professor.

A partir disso, manifestou a necessidade em desvendar meios para avaliar a própria prática, identificando se os objetivos propostos no plano de aula estavam em conjunto com os interesses das crianças, permitindo um espaço para aprendizagem agradável, divertido e espontâneo. Com isso, foi reconhecida a importância em promover um ambiente para troca de saberes e experiências, descobrindo as preferências e individualidades de cada criança.

Dessa forma, segundo o olhar das crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Curitiba, foi identificado com a roda de conversa e as observações registradas no diário de campo, que, para os mesmos, a Educação Física é um espaço para brincadeira, explorar a imaginação e é sua aula favorita.

De acordo com diversos autores (BETTI, ZULIANI, 2002; DEBORTOLI, LINHALES, VAGO, 2006; SILVA, SAMPAIO, 2012), a cultura das crianças está em explorar e reinventar jogos e brincadeiras, considerado o conteúdo indicado para realizar nos primeiros anos do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física.

Sendo assim, isso proporciona um ambiente agradável para os pequenos que aprendem mais sobre os movimentos corporais, socialização e interpretação a partir das brincadeiras. Os mesmos ainda reforçam a necessidade em desenvolver diferentes práticas sobre essa temática na aula, elegendo como os momentos em que mais gostaram.

Um fator que contribui para o desenvolvimento dessas atividades está em explorar a imaginação, permitindo que os pequenos utilizem o momento da Educação Física para criarem um novo ambiente, promovendo um envolvimento maior nas brincadeiras. É relevante o professor incentivar essa atitude, direcionando-os para um lugar de faz de conta e possibilitando que os mesmos realizem novas imaginações.

Nas explicações de algumas atividades, os próprios alunos relacionavam o assunto com algo da sua imaginação, possibilitando novas vivências. Um meio de associar a autonomia dos alunos em reinventar as brincadeiras utilizando sua criatividade, está em proporcionar alguns momentos de maior liberdade para os mesmos durante um período da aula, disponibilizando alguns materiais. Nesse estudo, isso ocorreu nos últimos instantes, com os alunos continuando a brincadeira que foi aplicada ao início da aula.

Com todas essas considerações, na roda de conversa as crianças citaram suas aulas favoritas e a Educação Física foi à única presente em todas as respostas. Isso está relacionado com diversas razões, como o desenvolvimento das aulas em um ambiente diferente da sala de aula, possibilitando explorar os movimentos corporais, a afinidade com o conteúdo desenvolvido e a relação aluno-professor.

Dessa maneira, reconheceu que, independente da disciplina, o professor deve explorar seus conteúdos e os objetivos da aula com intuito em provocar o interesse dos alunos, conhecendo novos meios de desenvolver esses fatores. É possível também realizar aulas com interdisciplinaridade, explorando a imaginação com essa atitude.

Sendo assim, as aulas de Educação Física fazem sentido para os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, de forma que proporciona um ambiente agradável e satisfatório para os mesmos. Com isso, identifica a importância em desenvolver pesquisas interpretativas para compreender melhor as perspectivas atribuídas para o tema, indicando explorar a realização de mais trabalhos com esse formato relacionando com a Educação Física escolar em todos os seus anos, identificando se o trabalho do professor está de acordo com seus objetivos e ponderando o envolvimento da turma a partir do interesse dos mesmos.



## REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.
- AYOUB, E. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. Vol. 26, n. 3, p. 143-158, maio 2005.
- BENITO, G. A. V. et al. Desenvolvimento de competências gerais durante o estágio supervisionado. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Jan/fev, 65(1): 172-8, 2012.
- BETTI, M.; LIZ, M. T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135–142, set./dez. 2003.
- BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Ano I, núm I, p. 73-81, 2002.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**. Ano XIX, nº 48, agosto, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104241-rces006-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104241-rces006-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192) >. Acesso em: 19 set. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Conhecimento do mundo, Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1997.
- CANTO, F. S. G. Y. Desenvolvimento da criatividade da criança: um diálogo com docentes da Educação Infantil. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2015.

CESÁRIO, P. M. Quem é a professora de crianças menores de 6 anos para Maria Montessori? Uma análise a partir de suas obras educacionais. **Cadernos da Pedagogia**. Vol. 01. Janeiro/junho de 2007.

CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Plano Curricular versão final 1º ao 5º ano Educação Física**. 2016.

DAMASCENO, A. L; FREITAS, J. F. F; LEONARDI, T. J. A motivação na participação dos alunos de 7º e 9º ano nas aulas de Educação Física. **Horizontes - Revista de Educação**. Jul/dez. v. 4, n. 8, 2016.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista Educação Física**. São Paulo, p. 40-42, 1996.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: Questões e Reflexões. **Guanabara**. Rio de Janeiro, 2003.

DEBORTOLI, J. A; LINHALES, M. A; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**. 5: 92-105, Jul./Jun. 2006.

DUPRAT, R. M; BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

ETCHEPARE, L. S; PEREIRA, E. F; ZINN, J. L. Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista da Educação Física/UEM. Maringá**. V. 14, n. 1, p. 59-66, 1. sem. 2003.

FOLLE, A; TEIXEIRA, F. A. Motivação de escolares das séries finais do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual de Maringá. v. 23, n. 1, p. 37-44, 1. trim. 2012.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GUIMARÃES, A. A. *et al*. Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Motriz**. Vol. 7, n. 1, p 17-22. Jan/jun 2001.

JARDILINO, J. R. L. Políticas de formação de professores em conflito com o currículo: estágio supervisionado e PIBID. **Revista do Centro de Educação**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. Vol. 39, núm. 2, mayo-agosto, p. 353-366, 2014.

KAWASHIMA, L. B; SOUZA, L. B. FERREIRA, L. A. Sistematização de conteúdos da Educação Física para as séries iniciais. **Motriz**. Rio Claro, v.15 n.2 p.458-468, abr./jun. 2009.

LORENZONI, L. S. *et al.* Disciplinas que despertam mais e menos interesse nos alunos do Ensino Médio da E. E. E. F. M. "Professora Célia Teixeira do Carmo". **XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** - Universidade do Vale do Paraíba. 2012.

MOURA, A. B. F; LIMA, M. G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014.

OLIVEIRA, M. A. T. Existe espaço para o Ensino de Educação Física na Escola Básica? **Pensar a Prática**. 2: 119-135, jun, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física**. Paraná. 2008.

PINHEIRO, C. J. Educação Física Escolar: a disciplina vista sob a óptica dos discentes. **Trilhas Pedagógicas**. V. 7, n. 7, p. 219-244, ago. 2017.

PRANDINA, M. Z; SANTOS, M. L. A Educação Física Escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes – Revista de Educação**. Dourados, MS, v.4, n.8, julho a dezembro 2016.

QUEIROZ, N. L. N; et al. Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**. 16(34), 169-179, 2006.

REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, jul./set. 2012.

RIPARI, R. *et al.* Educação Física escolar sob o olhar dos alunos do ensino médio. **Educación Física y Ciencia**. Universidad Nacional de La Plata. Vol. 20, nº 2, abril-junio, 2018.

RODRIGUES, M. A. Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 18, n. 55 out.-dez. 2013.

SILVA, J. V. P; SAMPAIO, T. M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**. 20(2): 106-118. 2012.

SOARES, C. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl.2, p.6 -12,1996.

ZOTTIS, S. A. M. A Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental: uma análise das Escolas em Santa Rosa - RS. **Monografia**: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2015.